|  |  |
| --- | --- |
|  |  |
|  | E U G É N I O D E A N D R A D E |

|  |  |
| --- | --- |
| E S C R I T A | E D U C A Ç Ã O L I T E R Á R I A | EXPOSIÇÃO SOBRE UM TEMA |

**1. Analisa a pintura *O Três de Maio de 1808*, de Goya.**



**2. Faz uma pesquisa sobre a situação retratada, selecionando a informação mais relevante.**

**3. Redige uma exposição sobre os fuzilamentos do 3 de maio de 1808 que contenha entre 200 e 300 palavras. Ao produzires o teu texto, deves ter o cuidado de:**

**•** respeitar as marcas específicas do género exposição sobre um tema – carácter demonstrativo, elucidação evidente do tema (fundamentação das ideias), concisão e objetividade, valor expressivo das formas linguísticas (deíticos, conectores…);

**•** observar os princípios do trabalho intelectual (identificação das fontes utilizadas; cumprimento das normas de citação; uso de notas de rodapé; elaboração da bibliografia);

**•** recorrer às tecnologias de informação (nas fases de produção, revisão e edição de texto).

Segue as etapas indicadas:

**Planificação**

Sintetiza, por tópicos, os aspetos a abordar nas três partes do texto.

**Revisão**

Revê o teu texto, a perfeiçoando

aspetos que possam ser melhorados.

**Textualização**

Redige a tua exposição:

**•** articulando as partes do texto com conectores adequados;

**•** empregando vocabulário preciso e diversificado;

**•** utilizando um registo de língua formal.

**4. Lê os poemas “Carta a meus filhos sobre os fuzilamentos de Goya”, de Jorge de Sena, e “Um pouco só de Goya: carta a minha filha”, de Ana Luísa Amaral, e analisa-os, tendo em conta os seguintes aspetos:**

**a.** tema, intenção comunicativa e estrutura do texto;

**b.** relação entre o sujeito poético e o destinatário;

**c.** diálogo intertextual e relação com a pintura *O Três de Maio de 1808*, de Goya.

|  |  |
| --- | --- |
| 5  10  15  20  25  30 | **Carta a meus filhos sobre**  **os fuzilamentos de Goya**  Não sei, meus filhos, que mundo será o vosso.  É possível, porque tudo é possível, que ele seja  aquele que eu desejo para vós. Um simples mundo,  onde tudo tenha apenas a dificuldade que advém  de nada haver que não seja simples e natural.  Um mundo em que tudo seja permitido,  conforme o vosso gosto, o vosso anseio, o vosso prazer,  o vosso respeito pelos outros, o respeito dos outros por vós.  E é possível que não seja isto, nem seja sequer isto  o que vos interesse para viver. Tudo é possível,  ainda quando lutemos, como devemos lutar,  por quanto nos pareça a liberdade e a justiça,  ou mais que qualquer delas uma fiel  dedicação à honra de estar vivo.  Um dia sabereis que mais que a humanidade  não tem conta o número dos que pensaram assim,  amaram o seu semelhante no que ele tinha de único,  de insólito, de livre, de diferente,  e foram sacrificados, torturados, espancados,  e entregues hipocritamente à secular justiça,  para que os liquidasse “com suma piedade e sem efusão de sangue.”  Por serem fiéis a um deus, a um pensamento,  a uma pátria, uma esperança, ou muito apenas  à fome irrespondível que lhes roía as entranhas,  foram estripados, esfolados, queimados, gaseados,  e os seus corpos amontoados tão anonimamente quanto haviam vivido,  ou suas cinzas dispersas para que delas não restasse memória.  Às vezes, por serem de uma raça, outras  por serem de uma classe, expiaram todos  os erros que não tinham cometido ou não tinham consciência  de haver cometido. Mas também aconteceu  e acontece que não foram mortos.  Houve sempre infinitas maneiras de prevalecer,  aniquilando mansamente, delicadamente, |

|  |  |
| --- | --- |
| 35  40  45  50  55  60  65  70  75 | por ínvios caminhos quais se diz que são ínvios os de Deus.  Estes fuzilamentos, este heroísmo, este horror,  foi uma coisa, entre mil, acontecida em Espanha  há mais de um século e que por violenta e injusta  ofendeu o coração de um pintor chamado Goya,  que tinha um coração muito grande, cheio de fúria  e de amor. Mas isto nada é, meus filhos.  Apenas um episódio, um episódio breve,  nesta cadeia de que sois um elo (ou não sereis)  de ferro e de suor e sangue e algum sémen  a caminho do mundo que vos sonho.  Acreditai que nenhum mundo, que nada nem ninguém  vale mais que uma vida ou a alegria de tê-la.  É isto o que mais importa – essa alegria.  Acreditai que a dignidade em que hão de falar-vos tanto  não é senão essa alegria que vem  de estar-se vivo e sabendo que nenhuma vez alguém  está menos vivo ou sofre ou morre  para que um só de vós resista um pouco mais  à morte que é de todos e virá.  Que tudo isto sabereis serenamente,  sem culpas a ninguém, sem terror, sem ambição,  e sobretudo sem desapego ou indiferença,  ardentemente espero. Tanto sangue,  tanta dor, tanta angústia, um dia  – mesmo que o tédio de um mundo feliz vos persiga –  não hão de ser em vão. Confesso que  muitas vezes, pensando no horror de tantos séculos  de opressão e crueldade, hesito por momentos  e uma amargura me submerge inconsolável.  Serão ou não em vão? Mas, mesmo que o não sejam,  quem ressuscita esses milhões, quem restitui  não só a vida, mas tudo o que lhes foi tirado?  Nenhum Juízo Final, meus filhos, pode dar-lhes  aquele instante que não viveram, aquele objeto  que não fruíram, aquele gesto  de amor, que fariam “amanhã”.  E por isso, o mesmo mundo que criemos  nos cumpre tê-lo com cuidado, como coisa  que não é nossa, que nos é cedida  para a guardarmos respeitosamente  em memória do sangue que nos corre nas veias,  da nossa carne que foi outra, do amor que  outros não amaram porque lho roubaram.  SENA, Jorge, (2013). *Poesia II*. Lisboa: Moraes Editores, pp. 127-128. |

|  |  |
| --- | --- |
| 5  10  15  20  25  30  35  40  45  50  55  60 | **Um pouco só de Goya:**  **carta a minha filha**  Lembras-te de dizer que a vida era uma fila?  Eras pequena e o cabelo mais claro,  mas os olhos iguais. Na metáfora dada  pela infância, perguntavas do espanto  da morte e do nascer, e de quem se seguia  e porque se seguia, ou da total ausência  de razão nessa cadeia em sonho de novelo.  Hoje, nesta noite tão quente rompendo-se  de junho, o teu cabelo claro mais escuro,  queria contar-te que a vida é também isso:  uma fila no espaço, uma fila no tempo  e que o teu tempo ao meu se seguirá.  Num estilo que gostava, esse de um homem  que um dia lembrou Goya numa carta a seus  filhos, queria dizer-te que a vida é também  isto: uma espingarda às vezes carregada  (como dizia uma mulher sozinha, mas grande  de jardim). Mostrar-te leite-creme, deixar-te  testamentos, falar-te de tigelas – é sempre  olhar-te amor. Mas é também desordenar-te à  vida, entrincheirar-te, e a mim, em fila descontínua  de mentiras, em carinho de verso.  E o que queria dizer-te é dos nexos da vida,  de quem a habita para além do ar.  E que o respeito inteiro e infinito  não precisa de vir depois do amor.  Nem antes. Que as filas só são úteis  como formas de olhar, maneiras de ordenar  o nosso espanto, mas que é possível pontos  paralelos, espelhos e não janelas.    E que tudo está bem e é bom: fila ou  novelo, duas cabeças tais num corpo só,  ou um dragão sem fogo, ou unicórnio  ameaçando chamas muito vivas.  Como o cabelo claro que tinhas nessa altura  se transformou castanho, ainda claro,  e a metáfora feita pela infância  se revelou tão boa no poema. Se revela  tão útil para falar da vida, essa que,  sem tigelas, intactas ou partidas, continua  a ser boa, mesmo que em dissonância de novelo.  Não sei que te dirão num futuro mais perto,  se quem assim habita os espaços das vidas  tem olhos de gigante ou chifres monstruosos.  Porque te amo, queria-te um antídoto  igual a elixir, que te fizesse grande  de repente, voando, como fada, sobre a fila.  Mas por te amar, não posso fazer isso,  e nesta noite quente a rasgar junho,  quero dizer-te da fila e do novelo  e das formas de amar todas diversas,  mas feitas de pequenos sons de espanto,  se o justo e o humano aí se abraçam.  A vida, minha filha, pode ser  de metáfora outra: uma língua de fogo;  uma camisa branca da cor do pesadelo.  Mas também esse bolbo que me deste,  e que agora floriu, passado um ano.  Porque houve terra, alguma água leve,  e uma varanda a libertar-lhe os passos.  AMARAL, Ana Luísa (2010). *Inversos – Poesia 1990-2010.*  Lisboa: Dom Quixote, pp. 357-358. |

S O L U Ç Õ E S | S U G E S T Õ E S M E T O D O L Ó G I C A S

**JORGE DE SENA**

**“Carta a meus filhos sobre**

**os fuzilamentos de Goya”** (p. 42)

**Escrita | Educação Literária**

**1.** e **2. Texto de apoio**:

O quadro *O 3 de Maio* *de 1808* foi pintado por Francisco Goyav 1746-1828) em 1814, seis anos depois da dramática situação que narra um dos momentos mais simbólicos da resistência espanhola à invasão das tropas de Napoleão Bonaparte. A este quadro liga-se um outro, O 2 de Maio de 1808 (pintado igualmente em 1814), que relata o primeiro episódio deste acontecimento, ocorrido na véspera, e presumivelmente presenciado pelo pintor.

Na manhã de 2 de maio, o lugar-tenente de Napoleão, o general Murat, seguido por uma coluna de cavalaria, foi atacado por um grupo de populares armados, enquanto atravessava a Porta do Sol em Madrid. Tendo rapidamente contro lado a situação, os franceses, como represália pelo levantamento popular, ordenaram o fuzilamento de inúmeros civis. Estes massacres tiveram lugar durante o dia seguinte em vários pontos da cidade, junto ao Convento de Jesus, no Bom Retiro, na Casa de Campo, em Santa Bárbara, na Porta de Segóvia e na montanha do Príncipe Pio, entre outros locais.

Anteriormente à ocupação francesa, Goya mantinha alguma simpatia pelas ideias liberais, embora fosse pintor da corte. Para este artista a chegada do exército de Napoleão e a consequente queda da monarquia pareceu representar, num primeiro momento, a possibilidade de introdução do liberalismo no seu país. No entanto, o carácter destruidor que esta ocupação assumiu, associada a sangrentos massacres, frustraram qualquer esperança de libertação.

Os horrores e sofrimentos provocados pelos confrontos entre espanhóis e franceses durante a guerra, aos quais Goya teve oportunidade de assistir de forma direta, foram temas que o atormentaram e contribuíram para que, próximo do final da sua carreira, se tornasse pessimista e cínico relativamente à capacidade de destruição e ao ódio que a espécie humana era capaz de alimentar.

Antecedendo estas duas pinturas, a série de gravuras “Desastres de la Guerra”, realizadas em 1810, condensa uma abordagem ainda mais acutilante e emotiva relativamente a este momento de loucura da humanidade. Após a expulsão dos

invasores franceses e restaurada a monarquia, Goya conseguiu que o novo governo regente lhe atribuísse um subsídio financeiro para a realização das duas telas comemorativas dos brutais massacres.

O quadro *O 3 de Maio* *de 1808* apresenta dimensões (266 por 406 centímetros), temática e estilo que lhe imprimem um impacto impressionante. A técnica utilizada, de carácter marcadamente expressionista, caracteriza-se por pinceladas rápidas e espontâneas, pela liberdade e violência do cromatismo e pelos barroquizantes e dramáticos contrastes de luz e sombra. Anunciada por alguns quadros anteriores, esta linguagem expressiva marcaria o derradeiro período criativo do pintor, aquele que mais profundamente o liga ao movimento romântico, do qual constituiu um dos mais brilhantes representantes.

Representando uma cena noturna, a composição apresenta dois setores, a coluna de soldados franceses, imersos numa sombra acentuada pela frieza das cores, que contrasta com o grupo de condenados, inundados por uma intensa luz definidora de flamejantes amarelos e vermelhos. O ponto focal do quadro é precisamente a camisa branca de um dos condenados.

Os quadros *O 2 de Maio de 1808* e *O 3 de Maio de 1808*, executados a óleo sobre tela, encontram-se expostos no Museu do Prado, em Madrid.

“O 3 de maio de 1808” [Em linha]. Infopédia [Consult. em 10-01-2017].

**4. “Carta a meus filhos sobre os fuzilamentos de Goya”**

**a. Tema**: liberdade, justiça e dignidade humanas.

**Intencionalidade comunicativa**: denúncia da falta de liberdade,

justiça e dignidade humanas na sociedade atual, a partir da reflexão sobre exemplos históricos do passado, com o intuito

de exaltar e imortalizar os que luta(ra)m pela liberdade, de incitar à mudança e de lutar pela harmonia no mundo (lição de

vida). **Estrutura**: Poema-carta / texto poético que recria o género textual carta (cf. título), num tom reflexivo/meditativo e

pedagógico.

**b.** Relação de proximidade e afetividade (pai/filhos); o pai dirige-se aos filhos/descendentes, através de uma carta, transmitindo-lhes uma herança ideológica (lição de vida) e responsabilizando-os pelo futuro (vv. 72-78).

**c**. Versos 36-41: referência e valorização da pintura de Goya O 3 de Maio de 1808).

**“Um pouco só de Goya: carta a minha filha”**

**a. Tema**: dignidade humana, vida, valor da vida.

**Intencionalidade comunicativa**: desmistificação da vida como

um conto de fadas – o sujeito poético pretende alertar a filha para as maldades do mundo, incitando-a à bondade e ao

respeito pelo semelhante (lição de sabedoria). Estrutura: Poema-carta / texto poético que recria o género textual carta

(cf. título), num tom reflexivo/meditativo e pedagógico.

**b.** Relação de proximidade e afetividade (mãe / filha); a mãe dirige-

se à filha, através de um discurso de herança sobre os fatores que compõem a vida, com o intuito de a proteger e de a

tornar autónoma.

**c.** Título (“Carta a minha filha”): diálogo intertextual com o título do poema de Sena (“Carta aos meus filhos…”); poema: alusão ao poema de Jorge de Sena e à pintura de Goya (vv. 13-15); imitação criativa do poema de Jorge de Sena (tema, intenção comunicativa, situação enunciativa, estrutura, tom pedagógico).